

## **O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO E SUAS PERCEPÇÕES NO MUNDO DA VIDA <sup>1</sup>**

**Adriana da Silva Silveira<sup>2</sup>**

**Solange Beatriz Billig Garces<sup>3</sup>**

### **Resumo**

A partir da Revolução Industrial, a humanidade deu início a um processo de desenvolvimento tecnológico com foco no crescimento econômico, gerando lucros proporcionais ao aumento das desigualdades. Nesse contexto, a pessoa idosa, imersa na lógica desenvolvimentista, experimenta o prolongamento de sua expectativa de vida, ao mesmo tempo em que enfrenta desafios de inclusão e valorização, que emergem como questões sociais urgentes. Este estudo busca analisar a percepção de valores, sentimentos e emoções associados à imagem do envelhecimento, a partir da distinção entre o mundo sistêmico e o mundo da vida, conforme a Teoria do Agir Comunicativo de Jürgen Habermas. Para isso, foi realizada uma enquete online, com base em um exercício de reflexão proposto pela escritora e psicóloga Maria Celia de Abreu em seu livro *Velhice: uma nova paisagem* (2017). A pesquisa contou com a participação de 61 pessoas aleatórias e anônimas, que participaram respondendo a um questionário online em redes sociais. Os resultados indicaram que os entrevistados revelam que mantêm respeito e acolhimento quando projetam na sua imaginação o envelhecimento, atrelando as atividades, vestimentas, cheiro e cores a uma fase tranquila da vida que remete a pessoa idosa vinculada exclusivamente ao mundo da vida. Palavras-Chave: Envelhecimento; Mundo da vida; Teoria do Agir comunicativo.

### **1.Introdução**

Após a Revolução Industrial, o ser humano iniciou uma saga de domínio tecnológico sobre a natureza, priorizando um projeto econômico que garantiu o avanço na produção de bens e, conseqüentemente, a lucratividade assegurada a pequenos grupos detentores do capital produtivo. No sistema capitalista, o poder econômico impulsiona e legitima a ciência técnica, dominando a ação social e a reflexão crítica permeia-se pela ampliação do processo de ideologização, o que transformou o homem contemporâneo em um ser econômico. Dentro dessa conjuntura social, em que a valoração dos indivíduos ocorre com base em sua capacidade produtiva, observa-se que as pessoas idosas enfrentam estigmas sociais relacionados à sua saída do mundo do trabalho e à perda da juventude.

Segundo Habermas (2012) essa é a visão do homem a partir de um mundo sistêmico,

---

<sup>1</sup>Artigo apresentado no X Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e IX Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, na modalidade online, 2024.

<sup>2</sup>Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social, Cruz Alta, Rio Grande do Sul – Brasil e bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E-mail: [adri01rp@gmail.com](mailto:adri01rp@gmail.com).

<sup>3</sup> Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ, Docente do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social, Cruz Alta, Rio Grande do Sul - Brasil. E-mail: [sgarces@unicruz.edu.br](mailto:sgarces@unicruz.edu.br).

ou seja, a visão do homem racional e produtivo, o que por consequência, excluiria àqueles que se encontram no ciclo tardio da vida humana: a velhice. Mas, é preciso que olhemos também, a partir de outra perspectiva: a do Mundo da Vida, permeado por questões subjetivas como valores, sentimentos e emoções.

Gráfico 1: Distinção entre os mundos da vida e sistêmico de acordo com a Teoria do Agir Comunicativo, de Habermas.



Fonte: Habermas (2012)

Nesta perspectiva, o artigo tem como objetivo analisar a percepção de valores, sentimentos e emoções sobre a imagem do sujeito velho com um grupo de pessoas aleatórias, escolhidas de forma casual e anônima nas redes sociais e que responderam um exercício de reflexão e questionamentos sugerido pela escritora e psicóloga Maria Celia de Abreu, em seu livro intitulado *Velhice: uma nova paisagem*, do ano de 2017, e que posteriormente foram analisados a partir da perspectiva do mundo da vida, conforme embasamento teórico de Habermas. Assim, o artigo traz como epistemologia utilizada para esta reflexão a Teoria do Agir Comunicativo, de Habermas (2012), como uma importante ferramenta de emancipação a partir das definições de mundo da vida e sistêmico, abordando a visão sobre o envelhecimento a partir dos resultados obtidos no questionário respondido por sessenta e uma pessoas.

## 2. Caminho Metodológico

Neste estudo realizou-se uma pesquisa com abordagem qualitativa. Conforme Diehl e Tatim (2004), os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinado

problema e a intenção de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos e vividos por grupos sociais, e em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos.

O questionário online, elaborado por meio da plataforma do *google forms*, foi o instrumento de coleta de dados escolhido para realização da pesquisa. Gil (2011) define questionário como um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado.

O autor aponta que a elaboração do questionário consiste basicamente em traduzir os objetivos específicos em questões. A pesquisa foi elaborada a partir de perguntas que compõe um questionário elaborado a partir do exercício reflexivo sugerido no livro “Velhice: uma nova paisagem”, escrito por Maria Celia de Abreu (2017) sobre a percepção da imagem, valores, sentimentos e emoções referente ao “velho”. A coleta de informações ocorreu por meio das plataformas sociais da pesquisadora (WhatsApp, Facebook e Instagram) organizado na plataforma do *google forms*. Estipulou-se vinte dias para a coleta dos dados, ficando disponível no período de 03 a 23 de julho de 2022 e obteve-se a participação de sessenta e uma pessoas. A análise dos dados se deu de forma quali-quantitativa, apresentando percentuais estatísticos e análises qualitativas interpretativas das respostas obtidas a partir da Teoria do Agir Comunicativo de Habermas.

### **3. Teoria do Agir Comunicativo: o mundo da vida e o sistêmico**

Na análise crítica da sociedade contemporânea, Jürgen Habermas (2003 e 2012) propõe a Teoria do Agir Comunicativo para explicar as inter-relações e os processos de socialização e os sistemas institucionais. O teórico alemão iniciou suas pesquisas baseados na experiência e estudos junto à escola de Frankfurt (Teoria Crítica), analisando os sintomas de desintegração social que emergem na contemporaneidade e que indicam “perdas de liberdade e do respeito e significado à vida humana” (BETINNE, 2021).

Baseado na perspectiva da emancipação, Habermas defende que o ser humano precisa libertar-se do domínio econômico e político, refletindo sobre os impactos dos sistemas de poder sobre o “mundo da vida” dos indivíduos. Neste sentido, a percepção do processo de envelhecimento, com os estigmas sociais que recaem sobre o sujeito velho e que permeiam o mundo da vida no sentido que busca a emancipação e pertencimento desses sujeitos na esfera social, entendendo que o sistema é um dos principais fortalecedores da valoração da vida humana a partir do capital produtivo.

A Teoria do Agir Comunicativo estabelece duas categorias de racionalização e integração: a integração funcional, que se manifesta no sistema (Estado, administração e mercado) e na integração social, que se manifesta no mundo da vida. O primeiro é regido pela razão instrumental ou estratégica, voltada para a eficiência e o controle, enquanto o segundo é sustentado pela razão comunicativa, promovendo a coesão social por meio do entendimento mútuo e do diálogo. A diferença entre os dois modos de integração estaria fundamentalmente nas modalidades de coordenadas da ação. Conforme os planos coletivos de ação são realizados, a racionalização ocorre de duas maneiras, considerando o ponto de vista dos participantes do ato comunicativo da linguagem – isto é, de um observador externo e pelo uso de meios deslinguificados, como poder e dinheiro (BETINNE, 2021).

Habermas identifica o mundo sistêmico como a esfera onde prevalecem as relações estratégicas, regidas pela lógica do poder e do dinheiro, como na economia e na política. Esse mundo sistêmico orienta-se pela racionalidade instrumental, em que a linguagem é utilizada apenas como um meio para alcançar interesses específicos. Em contrapartida, o mundo da vida engloba as relações culturais e interpessoais cotidianas, configurando-se como um espaço de comunicação espontânea, onde os sujeitos partilham valores e normas sem questionar constantemente suas próprias bases culturais. O mundo da vida, então, constitui o espaço de entendimento intersubjetivo, onde as pessoas se comunicam. Essa explicitação aparece em Mühl (2003, p. 17/18):

O mundo sistêmico compreende as esferas da economia e da política, esferas nas quais as ações são orientadas pela lógica do dinheiro e poder. A tendência é que predominem relações estratégico-instrumentais que se caracterizam por um uso parcial da linguagem (linguagem como meio), empregada com a intenção de assegurar a conquista de interesses particulares. O mundo da vida, por sua vez, compreende a esfera da cultura e das relações pessoais espontâneas que ocorrem cotidianamente entre as pessoas. Ele diz respeito a esfera de auto evidências onde as pessoas se comunicam e se entendem sobre algo no mundo (objetivo, social ou subjetivo) sem a necessidade de ter de pôr em questão os seus preterimentos linguísticos. Esses dois mundos distinguem-se entre si por dois modelos de ação: o sistêmico orienta-se pelo modelo de ação estratégico-instrumental, ao passo que o mundo da vida é constituído pela ação comunicativa (MÜHL, 2003, p. 17-18).

Ação comunicativa significa ao mesmo tempo processos de interação social e socialização. É por meio dessa interação social e socialização que as pessoas envolvidas confirmam e renovam suas identidades e seu pertencimento aos grupos sociais. No mundo da vida, os sujeitos agem comunicativamente, todos são integrantes. Quando Habermas separou o

mundo objetivo, social e subjetivo, foi somente uma convenção para compreender as potencialidades do Mundo da Vida, mas como categoria ele é único. Estas estruturas do mundo da vida fixam as formas de intersubjetividade do entendimento dentro de determinado contexto.

#### **4. Colonização e Mundo da Vida**

O sistema quando se torna independente do mundo da vida e, conseqüentemente, mais complexo, modifica a dinâmica da influência entre ambos. Da situação inicial, em que o mundo da vida determina a estrutura sistêmica, com a complexificação social, os papéis se invertem e o sistema passa a reger o mundo da vida. Disso decorre o processo que Habermas denomina de “colonização do mundo da vida”, cujo sintoma mais representativo é a sua instrumentalização e a restrição progressiva da comunicação por meio do domínio técnico e da violência estrutural. Em decorrência, o mundo da vida, de uma instância central, transforma-se em periférica diante da dominação que o sistema regido pelo dinheiro e pelo poder passa a exercer (HABERMAS, 2003; 2012).

Assim, por analogia, quem participa do mundo sistêmico precisa agir racionalmente para produzir economicamente, o que pela lógica excluiria as pessoas idosas, em razão da sua característica de geralmente, estar em um período da vida mais voltado para si mesmo, para o autocuidado e a própria família, muitas vezes restrito ao mundo da vida, como aposentado. Poderíamos ainda dizer que este seria um caso típico de colonização do mundo da vida, ao estabelecer que ao se tornar idosa a pessoa precisa aposentar-se e retirar-se do mundo sistêmico, em função de sua não produtividade econômica.

Além de se tornar improdutivo economicamente ainda dependerá do mundo sistêmico para lhe sustentar financeiramente (aposentadoria e pensões) por meio do que produz o grupo mais jovem e ativo economicamente. E essa condição de ampliação da expectativa de vida da população estaria gerando um desequilíbrio econômico no mundo sistêmico e, por consequência uma visão negativa em relação às pessoas idosas. Portanto, esse seria a principal contradição na questão do envelhecimento quando analisada a partir do mundo sistêmico.

Habermas (2012), levanta o seguinte questionamento quando aborda o mundo da vida: “enquanto horizonte no qual os que agem comunicativamente se encontram desde sempre, é limitado e transformado pelas mudanças estruturais que ocorrem na sociedade como um todo? (p. 218)”. O autor, observa a linguagem como um ponto de ligação entre o mundo da vida e o sistema a partir da análise da teoria de Mead.

O mundo da vida se relaciona com os três mundos que os sujeitos, que agem orientados pelo entendimento, tomam como base para suas definições comuns da situação. O conceito de um mundo da vida presente na atividade comunicativa na forma de um contexto deve ser elaborado na linha das análises fenomenológicas do mundo da vida e referido ao conceito durkheimiano de “consciência coletiva”. Ele não pode ser utilizado sem mais nem menos para análises empíricas. Os conceitos de mundo da vida, comuns na sociologia hermenêutica, tem a ver, na maioria das vezes, com conceitos do cotidiano que apenas narram fatos e relações sociais. No entanto, a pesquisa das funções assumidas pelo agir comunicativo para a manutenção de um mundo da vida estruturalmente diferenciado evita tais limitações. Se levarmos em conta tais funções, poderemos explicar as condições necessárias para uma racionalização do mundo da vida. No entanto, ao adotar tal procedimento vislumbramos os limites dos princípios teóricos (vigentes), que identificam o mundo da vida com a sociedade. Por isso, proponho que a sociedade seja concebida, ao mesmo tempo, como mundo da vida e como sistema (HABERMAS, 2012, p. 219-220).

Num primeiro sentido, mundo da vida é um estoque de sentidos (de crenças, critérios, valores, definições etc.) compartilhados entre falantes (e não problematizados por eles) que serve de pano de fundo para sua comunicação. Toda vez que os falantes problematizam algo no mundo, é preciso que algo outro esteja não problematizado, mais ou menos como, para caminhar sem cair, o pé que se coloca em movimento precisa do pé que está fixo no chão. Este algo outro, não problematizado, implícito na comunicação, pode ou já ter sido objeto de problematização anterior, caso em que agora se tornou não problemático porque, os falantes já previamente formaram um consenso reflexivo a seu respeito, ou pode jamais ter sido problematizado, caso em que pertence ao conjunto daquelas coisas em que os falantes acreditam de modo pré-reflexivo, sem sequer se darem conta nem de que se trata de uma crença mantida em comum nem de que aquilo que tal crença enuncia não é nem óbvio nem necessariamente verdadeiro, podendo, portanto, ser objeto de uma problematização.

O mundo da vida constitui, pois, de certa forma, no lugar transcendental em que os falantes e ouvintes se encontram, onde podem levantar, uns em relação aos outros, a pretensão de que suas exteriorizações condizem com o mundo objetivo, social e subjetivo; e onde podem criticar e confirmar tais pretensões de validade, resolver seu dissenso e obter consenso (HABERMAS, 2012 v.2, p.231).

Para tanto, a linguagem deve ser entendida não apenas como um recurso de representação, mas como um recurso pragmático da interação dos seres humanos. Em vista disso, não basta analisá-la na sua estrutura lógico-formal, como o fazem os semanticistas, mas é preciso explicitar a natureza que ela apresenta no seu uso pragmático, através dos atos de fala. Em outros termos, deve-se levar em conta as relações que se estabelecem entre os sujeitos quando se referem ao mundo e agem interativamente, utilizando-se da linguagem. Isso

representa avançar na compreensão do processo de constituição do mundo e no entendimento da construção dos saberes através da abordagem pragmática ou teórico-comunicativa da racionalidade. Quando Habermas pensa a sua teoria, analisa através da linguagem a possibilidade de equidade na comunicação estabelecida entre os participantes da comunicação e analisa no processo de agir comunicativo como um ato emancipatório possível entre os interessados.

Cabe destacar que para Habermas (2012), a racionalidade comunicativa contém em si mesma um caráter atrativo emancipador que torna possível a manutenção do poder transformador da razão. Afirma que uma das mais importantes capacidades de o sistema interferir no mundo da vida revela-se na tendência à racionalização das normas por parte dos atores sociais. Essa racionalização está estreitamente relacionada com a formação dos valores culturais e da consciência moral.

Dessa forma, estabelecendo e inculcando normas no comportamento individual de sujeitos dotados de consciência moral, os sistemas poder e dinheiro atuam no sentido de racionalizar também o mundo da vida. A escola é uma dessas instituições que, no entender de Habermas, serve para incorporar a racionalidade sistêmica atualmente dominante. Ao fazer isso, ela educa para a subserviência, reforça o controle e produz, em última instância, a própria violência.

O mundo da vida constitui-se, portanto, em um conceito central na reconstrução que Habermas propõe para as ciências sociais e para a educação. A redescoberta da natureza da racionalidade comunicativa não coagida, que se mantém agindo no mundo da vida, faz Habermas acreditar na possibilidade do progresso humano no sentido de sua libertação (BOUFLEUER, 2001).

Na racionalidade comunicativa que instaura o mundo da vida, ele identifica um elemento de resistência contra a dominação total da racionalidade sistêmica, instrumental. Essa resistência não é irracional, mimética, mas racional, utópica. Ela não aponta para um retorno ao estado natural, mas para a possibilidade da realização de uma situação menos opressora na história, embora não possa definir a priori a forma de ser dessa nova ordem social.

O objetivo das discussões, neste momento, é encontrar caminhos comuns e devidamente articulados, para proporcionar experiências que possibilitem às pessoas idosas construir conhecimentos vinculados à sua vida concreta e que lhes permitam uma visão crítica da realidade onde estão inseridos, e, ao mesmo tempo, incentivem sentimentos e pensamentos

relacionados a uma participação ativa nos assuntos comunitários, dentro de princípios éticos de cooperação e justiça social. A experiência de vida, o conhecimento e a cultura acumulada pelos indivíduos idosos garantem contribuição relevante aos integrantes dos demais ciclos da vida (infância, juventude e fase adulta), assim como as vivências e trocas colaboram para a inclusão e socialização da população idosa na comunidade em que vive. Para construção de políticas e inclusão social da pessoa idosa é necessário abrir caminhos e espaços de interação e integração.

Desse modo, a direção do processo interativo deve emergir de políticas públicas delineadas a partir de discussões com integrantes de grupos de pessoas idosas para deixar de estar sujeita a convenções predeterminadas, exigindo o esforço de todos no sentido de preencher os princípios de realização de uma ação comunicativa com as pretensões de validade, e de buscar uma comunicação simétrica, cada vez mais livre e isenta de coação voltada para incluir o tema do envelhecimento com a relevância significativa que demanda.

A ação comunicativa atua como ponto principal para gerar entendimento e superação de preconceitos contra a pessoa idosa no mundo sistêmico, com inclusão, valorização e reconhecimento do sujeito velho no mundo do trabalho, com as potencialidades e limitações que pode oferecer para equipe de trabalho. No mundo da vida, o agir comunicativo deve atuar para criação e manutenção de espaços de convivência intergeracional partindo do princípio que para gerar sentimentos positivos frente à questão do envelhecimento, torna-se fundamental conhecer o universo da pessoa idosa.

## **5. Envelhecimento: estigmas sociais e superações necessárias**

O aumento da longevidade da vida humana, registrada nas últimas décadas, decorreu principalmente dos avanços em pesquisas nas áreas da medicina e biologia, que permitiram o controle de inúmeras doenças. Diante deste cenário, o envelhecimento recebe destaque na sociedade capitalista, como fenômeno demográfico que abrange variadas questões econômicas, sociais, políticas, culturais e éticas, principalmente com debates acerca do compromisso e dignidade de direitos voltados para os idosos (GOLDENBERG, 2021).

O crescimento da população idosa implica maiores custos ao sistema sanitário, uma maior pressão dessa população em torno dos sistemas de proteção social, um aumento da importância política desse grupo etário, entre outros fatores. Diante dessas transformações sociais, o envelhecimento torna-se uma questão central no planejamento de políticas públicas (FONTE, 2002).

Beauvoir (1990) argumenta que o envelhecimento é constituído por múltiplas determinações, sendo a classe um determinante de primeira ordem. Na perspectiva compartilhada pela autora desmitifica-se a velhice como um processo homogêneo e exclusivamente biológico.

Todavia, muito embora seja a velhice, na sua qualidade de destino biológico, uma realidade trans-histórica, ainda assim subsiste o fato de que este destino é vivido de maneira variável, segundo o contexto social.[...] A diferenciação das velhices individuais ainda tem outras causas: saúde, família etc. São, entretanto, duas categorias de velho, uma extremamente ampla e outra restrita a pequena minoria, e criada pela oposição de exploradores e de explorados (BEUAVOIR, 1990, p.14-15).

O estágio da velhice é um processo natural que deve ocorrer de forma proativa na vida dos sujeitos e, portanto, é preciso desenvolver educação para a velhice no sentido de valorização do legado que a geração traz para o presente e as futuras gerações. É com as experiências das pessoas idosas que podemos nos posicionar como sujeitos da história e, ainda que tentemos trapacear a ação do tempo, estamos sujeitos a ele, então devemos aproveitar e saborear o que cada fase da vida nos traz de ensinamento e benefícios.

A velhice deve ser analisada no interior do sistema capitalista e da estrutura de classes [porque]: [...] a ideologia da velhice é fundamental à reprodução das relações capitalistas na medida em que a produção das relações capitalistas implica reprodução de ideias, valores, princípios e doutrinas [que compõem] o conjunto de representações sobre a etapa final da vida humana (MINAYO *et al.*, 2019, p.29).

Habermas (2003), propõe ainda a democracia deliberativa, focada na legitimidade das decisões dos governantes, sustentada pelo exercício da deliberação dos indivíduos racionais em fóruns amplos de debate e negociação. Supõe o fortalecimento da opinião pública e das instituições da sociedade civil por meio da criação de espaços de negociação e deliberação democrática amplamente participativos. Nesse modelo, a legitimidade das decisões decorre da deliberação entre indivíduos racionais em espaços amplos de debate, o que exige o fortalecimento da sociedade civil e da opinião pública. “O princípio da democracia resulta da interligação que existe entre o princípio do discurso e a forma jurídica”, afirma Habermas (2003, p. 138), sustentando a criação de um sistema de direitos legítimos, onde a autonomia privada e pública se encontram equilibradas.

Eu vejo esse entrelaçamento como uma gênese lógica de direitos, a qual pode ser construída passo a passo. Ela começa com a aplicação do princípio do discurso ao direito de liberdades subjetivas de ação em geral – constituindo para a forma jurídica

enquanto tal – e termina quando acontece a institucionalização jurídica de condições para um exercício discursivo da autonomia política, a qual pode equiparar retroativamente a autonomia privada, inicialmente abstrata, com a forma jurídica. Por isso, o princípio da democracia só pode aparecer como núcleo de um sistema de direitos. A gênese lógica desses direitos forma um processo circular, no qual, o código do direito e o mecanismo para a produção de direito legítimo, portanto o princípio da democracia, se constituem de modo co-originário. (HABERMAS, 2003, p. 138)

Esse princípio de democracia deliberativa deve incluir as pessoas idosas, permitindo-lhes uma participação ativa e respeitosa nos assuntos comunitários, de modo que suas experiências e saberes adquiridos possam contribuir para as demais gerações, promovendo a inclusão e socialização da população idosa na comunidade onde vive. A construção de políticas inclusivas para a pessoa idosa precisa, portanto, de “caminhos e espaços de interação e integração” (BETINNE, 2021), fortalecendo a valorização da experiência dos mais velhos e combatendo os preconceitos em relação ao envelhecimento.

## **6.A Ação Comunicativa entre gerações e o Potencial Emancipador**

A antropóloga brasileira, Mirian Goldenberg (2021), estuda o tema de construção de uma bela velhice baseada em entrevistas com mais de 5.000 idosos, com idades acima de 60 anos e, a partir das narrativas apresentadas pelos participantes, a pesquisadora ressalta que o envelhecimento possui subjetividades individuais e aponta que a palavra que melhor define essa fase da vida é a ambiguidade, em decorrência dos diferentes cenários de vida de cada indivíduo. Goldenberg (2021) ressalta que os (as) idosos (as) que conquistaram uma bela velhice possuem um projeto de vida, inventaram um lugar no mundo e seguem continuamente se reinventando como pessoa.

A autora, cita exemplos de personalidades conhecidas que podem ser chamadas *ageles* ou sem idade, entre eles, alguns artistas brasileiros como Caetano Veloso, Marieta Severo, Gilberto Gil, Rita Lee e Fernanda Montenegro que, enquanto jovens, revolucionaram sua geração com novos comportamentos e valores e são inspiração para os velhos. Entre as principais características que podem ser ressaltadas nos exemplos é que são indivíduos que aceitam a idade, são apaixonados pela vida, possuem um sentido de realização e propósito no trabalho que realizam e seguem criando novos projetos e, continuam ativos na sociedade.

As novas imagens e as formas contemporâneas de gestão da velhice no contexto brasileiro são ativas na revisão dos estereótipos pelos quais o envelhecimento é

tratado, desestabilizando imagens culturais tradicionais. As novas imagens oferecem um quadro mais positivo do envelhecimento, que passa a ser concebido como uma experiência heterogênea em que a doença física e o declínio mental, considerados fenômenos normais nesse estágio da vida, são redefinidos como condições gerais que afetam as pessoas em qualquer fase. Possibilitaram, ainda, a abertura de espaço para que as novas experiências de envelhecimento pudessem ser vividas coletivamente.

Neles é possível buscar a auto-expressão(*sic*) e explorar identidades de um modo que era exclusivo da juventude. Esses espaços estão sendo ocupados rapidamente pelos mais velhos (DEBERT, 2004, p. 65).

A mesma autora (Debert, 2004) ressalta que os espaços sociais de integração e socialização de pessoas idosas, nesta sociedade pós-moderna, é uma alternativa que permite a inclusão desses sujeitos e acolhimento das suas subjetividades diante de fatores distintos de cada um com seu processo de envelhecimento.

Abreu (2017) destaca a relevância da inclusão das pessoas idosas na atualidade, enquanto uma questão de cidadania e também salienta os reflexos e vantagens econômicas, pois as profissões e os profissionais do futuro precisarão adequar seu trabalho para atender as demandas da população idosa, a qual cresce exponencialmente e correspondem a um percentual significativo de consumidores de produtos e serviços.

A velhice é um fenômeno ao qual não se pode ficar alheio, e isso vale para você como indivíduo e como cidadão. Do ponto de vista pessoal, há uma grande probabilidade de que sua vida se prolongue velhice adentro. Do ponto de vista de sua interação com outros, a população de velho está aumentando tanto, no Brasil e no mundo, que será impossível não interagir com ela (ABREU, 2017, p.24).

Abreu (2017) constata uma lacuna relevante sobre conhecimento e comportamento de consumo do velho no trabalho realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em relação à ampliação de faixas etárias de consumo e audiência televisiva para quatorze anos, segmentando a cada dois ou quando chega às pessoas acima de cinquenta anos distinguem-se apenas duas faixas etárias (50 a 59 anos e 60 ou mais), deixando de lado as inúmeras diferenciações de motivações e comportamento para o consumo entre pessoas acima dos cinquenta anos.

Justifica-se que um dos principais fatores relacionados ao preconceito e falácias a respeito da velhice baseia-se no desconhecimento sobre as questões relacionadas ao velho. Esse desconhecido causa desconforto e insegurança “quando não gostamos de algo, quase sempre é porque não conhecemos o bastante” (ABREU, 2017, p.30). A possibilidade de convivência

intergeracional entre crianças, jovens, adultos e pessoas idosas viabiliza uma troca de mão dupla construtiva com a seguinte argumentação:

Dirijo-me aqui aos jovens dispostos a enriquecer com as experiências dos velhos e também aos velhos que desejam alargar sua visão sobre a infância e a juventude – bem como a pesquisadores que procuram definir uma problemática em gerontologia. Essa sugestão ajuda na reformulação de cognições, valores e sentimentos: é a convivência intergeracional (ABREU, 2017, p.30).

Abreu (2017) cita a relevância da abertura de espaços para apresentar diferentes facetas de pessoas idosas em obras cinematográficas com base a oferecer uma amplitude maior de exemplos e variações de sujeitos velhos. Na maioria das vezes, a convivência e experiência com apenas poucas pessoas, integrante da família, avós ou tios mais velhos é que embasa a formação representativa do envelhecimento. É preciso ter consciência que existe uma variedade de velhos, entender que cada um possui um temperamento e viveu submisso a uma realidade que o faz ver e viver a vida de determinada maneira.

Em situação de convivência intergeracional, o sentimento de isolamento ou solidão tende a se apaziguar; como se estabelece uma comunicação espontânea permeada de valores e emoções, sem julgamento mútuo, abre-se ocasião para partilhar sentimentos e ideias e para estabelecer uma cooperação saudável. Normalmente, os mais velhos fazem o papel de ‘memória’ social, aculturando os mais jovens nos usos e costumes da sua comunidade ou família, o que lhe dá inestimável segurança do sentimento de pertencer, de ter raízes. O jovem é levado a conhecer, compreender e respeitar o passado de sua cultura ou família; o idoso, a entender as peculiaridades da infância ou da juventude de hoje, o que o obriga a ser flexível e a viver no presente (ABREU, 2017, p.34).

A convivência entre gerações que integram diferentes ciclos da vida (infância, juventude, adulta e idosa) torna-se fundamental para a construção de empatia entre os atores sociais, entendimento de angústias e aflições que permeiam os diferentes ciclos da vida humana, troca de experiências que agreguem e flexibilidade para enfrentar os desafios inerentes a vida humana.

Abreu (2017) aprofunda a questão dos valores, sentimentos e emoções gerados em relação ao velho. Entende que em muitos casos o indivíduo possui conhecimentos cognitivos sobre o envelhecimento, mas na prática de vivenciar a experiência de contratar ou desenvolver projetos de trabalho com um (a) colega idoso (a) reage com ações de preconceito e trata com inferioridade, as diferenças de mundo manifestando os sentimentos negativos que o desconhecido lhe causa. No mundo da vida, as relações familiares e sociais são abaladas pelo

afastamento da pessoa idosa do seu círculo familiar e social a partir de exclusão do velho dos programas familiares, principalmente quando se recebe visitas em casa e nos círculos de conversas e discussões sobre os assuntos cotidianos e comuns entre os demais membros do grupo familiar.

### 7. Análise e percepção do envelhecimento no mundo da vida

O exercício para a pesquisa iniciou convidando o participante a concentrar, respirar, fechar os olhos e imaginar diante de si um “velho”, uma “velha” ou alguns “velhos” ou “velhas” – como quiser. Não precisava ser uma pessoa conhecida, mas alguém que simbolizaria um sujeito idoso. Com o máximo de liberdade e honestidade, deveria buscar no fundo de si os sentimentos que tal imagem lhes desperta. Talvez o sujeito custe um pouco para fazer essa identificação, mas não parar e continuar mais um pouco. A partir desse exercício, todos foram desafiados a detalhar informações sobre a imagem (ABREU, 2017).

Ao iniciar, os pesquisados explicam a aparência que a imagem remete ou como seu personagem se veste. Entre as respostas para a pesquisa realizada, 37 participantes detalharam a roupa e a vestimenta que imaginaram; 13 respostas apontaram para o imaginário de alguém da sua família como pai, mãe, avós e a própria pessoa; 4 respostas detalharam uma pessoa distante das suas relações e 7 participantes não responderam a esta pergunta.

Tabela 1 – Como é a aparência imagem (ou como se veste)

Como é a aparência imagem (ou como se veste)	f	%
Alguém da família (pai, mãe, avô e a própria pessoa)	13	21%
Uma pessoa mais distante	04	7%
Detalha a roupa que veste com precisão	37	61%
Não respondeu	07	11%
<b>TOTAL</b>	61	100%

O interessante do primeiro exercício em relação à projeção de imagem ou vestimenta que o velho e ou velha surge na imaginação dos participantes, em sua maioria (61%), é rica em detalhes e apontam para um personagem que usa roupas confortáveis e por isso, talvez estejam em ambientes informais (em casa, praia, academia, entre outros) que são revelação nas seguintes afirmações: com roupas simples e confortáveis; ela usa vestido; roupas escuras; quentes; de calça de abrigo; tênis e camiseta; com casaquinho vermelho de lã; uma calça mais solta nas pernas e larga e com um chinelo de couro e lã por dentro; com uma *legging*; camiseta

e tênis; vestidinho e blusão de lã; de vestido florido e sandália; usa pijama; roupa de lã; touca e chinelos bem quentes; com roupas casuais; com vestido *chemisê* de florzinha de crochê; roupas de meia estação; de saia na altura do joelho e casaquinho; com cabelos enrolados; roupas quentes e pantufas; vestido florido e chinelo; sem camisa e shorts; ele está de pulôver de botões; blusa e calças compridas; um vestido floral e soltinho abaixo do joelho; calça e uma camisa já surrada e pés descalços; uma camisa de botão meio aberta; bermuda, sandália, camisa e bombacha; usa uma blusa azul claro com detalhes de lantejoulas prata e um *shorts* jeans e de havaianas; o idoso está vestido uma calça jeans clara e uma blusa azul clara e um tênis e a idosa está usando um vestido cor de rosa e um calçado cor rosa; usando joias, com calça confortável e cardigã, roupas casuais.

Alguns apontaram ainda detalhes de roupas que lembram um personagem que estavam em um ambiente mais formal, como o de trabalho: vestido calça social sapatos camisa de botão, paletó; calça social e sapatos pretos; calça, camisa social e sapato e calça e camisa.

A personificação do sujeito velho ilustrada pelos participantes apresentou situações de vivências nas duas dimensões catalogadas por Habermas, o mundo da vida e sistêmico. A teoria do agir comunicativo reconhece que duas esferas coexistem na sociedade: o sistema e o mundo da vida. O sistema refere-se à reprodução material, regida pela lógica instrumental (adequação de meios a fins), incorporada nas relações hierárquicas (poder político) e de intercâmbio (economia).

O mundo da vida é a esfera de reprodução simbólica, da linguagem, das redes de significados, é um domínio social que contrasta com os sistemas funcionalizados. O mundo da vida é marcado por processos comunicativos, cujo mediador é a linguagem e cujo recurso é a solidariedade. O que se observa é uma maior quantidade de descrições de vestimentas referidas ao mundo da vida, o que destaca o olhar sobre o velho como alguém que se retira do mundo do sistema.

O sistema e o mundo da vida são opostos e ao mesmo tempo, interdependentes, constituindo um complexo que determina a forma de ser da sociedade moderna. O mundo sistêmico, apesar de se apresentar como oposto ao mundo vital tem sua origem vinculada ao mundo da vida e se mantém, ainda que de forma parasitária, dependente do agir comunicativo. O mundo sistêmico é decorrente da racionalização do mundo da vida e surge como um mecanismo redutor de carga que pesa sobre o agir comunicativo diante do esgotamento dos outros mecanismos de controle social. À medida que ele se torna mais complexo, tende a

romper os seus vínculos com o mundo da vida, a substituir a comunicação pela linguagem por mecanismos de controle técnicos sob os auspícios do dinheiro e do poder, em detrimento dos demais componentes do mundo da vida (HABERMAS, 2012).

Em relação à atividade que seu personagem realizava no momento, 34 dos participantes relataram uma desaceleração (atividades mais paradas), 15 participantes imaginaram seu personagem ainda ativo e 12 participantes não responderam.

Tabela 2: O que seu personagem está fazendo.?

Desaceleração das atividades	F	%	Ainda Ativos	f	%	Não responderam	f	%
Sentado	17	28%	Afazeres da casa, cuidando netos.	07	11%	Não responderam	12	22%
Assistindo TV	03	5%	Caminhando na praia	02	3%			
Sorrindo	02	3%	Fazendo ginástica	02	3%			
Na praia	02	3%	Caminhando	02	3%			
Leitura	02	3%	Preparando churrasco	01	2%			
Nada	02	3%	Trabalhando	01	2%			
Com andador	01	2%						
Em pé	01	2%						
Com a cuia na mão	01	2%						
Pousando para foto	01	2%						
Fazendo crochê	01	2%						
Pegando sol	01	2%						
<b>TOTAL</b>	<b>34</b>	<b>56%</b>	<b>TOTAL</b>	<b>15</b>	<b>24%</b>	<b>TOTAL</b>	<b>12</b>	<b>20%</b>

Ao interpretar os apontamentos dos participantes percebe-se que a maioria enxerga o envelhecimento como um período de desacelerar a realização de atividades ao relatar que seus personagens estão sentados, assistindo TV, não fazendo nada, fazendo crochê, em pé, pousando para foto, sorrindo, pegando sol e com cuia na mão o que se vê nas respostas é a prevalência em desacelerar e /ou parar as atividades e atividades relacionadas ao lazer como estar na praia e lendo. Em um dos casos o participante apresenta uma figura em debilidade física que utiliza andador. Os dados reforçam a noção de desaceleração, uma visão tradicional do envelhecimento como um período de repouso e contemplação pois, mais da metade dos participantes (56%) falaram das pessoas idosas em atividades passivas, como sentar-se, assistir TV, fazer crochê ou simplesmente estar em repouso que são atividades vinculadas ao mundo da vida.

Na tabela 2, percebemos que 24% dos participantes correlacionaram seus personagens velhos com alguém que segue ativo e com responsabilidades de trabalho ao estar fazendo

atividades da casa e cuidando de netos e ainda, alguém focado no bem-estar físico ao relatar que estão fazendo caminhada na praia, apenas caminhando e na academia de ginástica que sugerem uma percepção de que as pessoas idosas podem manter certo nível de atividade e responsabilidade que sugere uma forma de continuidade de vínculo no mundo sistêmico. Um percentual de 20% dos participantes não respondeu à questão.

Ao serem questionados sobre as cores que aparecem na imagem criada, entre os participantes, seis apontam que sua imagem tem apenas uma cor, sete pessoas apontaram que sua imagem tem duas cores e, quarenta e oito participantes indicaram seu personagem com mais de três cores.

A tabela abaixo apresenta frequência que as cores foram citadas, seja individualmente ou em grupo de cores pelos participantes:

Tabela 3: Cores citadas.

Cores citadas	<i>f</i>	%
Azul	18	19%
Branco	17	17%
Verde	15	15%
Marrom	09	9%
Cinza	07	7%
Preto	06	6%
Amarelo	05	5%
Laranja	04	4%
Rosa	03	3%
Vermelho	02	2%
Vinho	01	1%
Cor do sol	01	1%
Cores neutras	08	8%
Colorido	03	3%
<b>TOTAL</b>	<b>99</b>	<b>100%</b>

A provocação de colocar a imaginação em prática para responder as questões desafiou os participantes a pensarem sobre o velho e/ou velha que ele projetou e também refletir sobre seu futuro ao estar na fase da velhice. O olhar e sentir permite também incluir. Essa questão permite acionar a imaginação por meio do sistema límbico pelo olfato, despertando o sentido dos participantes. Nestas respostas, 44% (27) responderam que sim (o personagem tem cheiro),

sendo que destes apenas 5% descreveram sem detalhes de imaginação; 17% (10) responderam não ter cheiro e 39% (24) não responderam essa questão.

Ao avançarem na imaginação do cheiro que a imagem remete foram citados: vitória, perfume maravilhoso, chás, cheiro de mãe, perfume muito bom. Meu pai está sempre perfumado, *comfort*, lavanda, café da tarde na beira do fogão a lenha, cheirinho de banho recém-tomado, flores, talco, perfume antigo, loção de pinho, perfume suave, fumaça, doce...canela, cheiro de consultório de dentista, cheiro de perfume de vô, os idosos possuem um cheiro de perfume marcante e a idosa um cheiro doce e suave”, cheiro de sabonete, ervas, cheiro de Terra molhada.

Os participantes que relataram ter sentimentos quando tocam a imagem citaram: carinho (7 pessoas), gratidão (5 pessoas); admiração (3 pessoas); felicidade e alegria (5 pessoas); amor, bondade e amizade (6 pessoas); saudade (1 pessoa); sinceridade e honestidade (2 pessoas). Os que definiram ter sensações citaram: aconchego (4 pessoas); tranquilidade, conforto, serenidade e paz (6 pessoas); força, energia e esperteza (3 pessoas); prazer e sentimento de bem-estar (2 pessoas); afeto e calor humano (4 pessoas) e vontade de dar um abraço (1 pessoa). Alguns participantes remeteram a questões físicas e citaram: pele rugosa e flácida (1 pessoa); pele bem cuidada (1 pessoa); mãos geladas (1 pessoa); nada e não sei (2 pessoas) não responderam (5 pessoas)

Tabela 4: O que seu personagem está fazendo.

É uma pessoa quentinha ou gelada?	f	%
Quentinha	52	84%
Gelada	3	5%
Calma	1	2%
Ora quente, ora gelada	1	2%
Médio estado, normal, amena	3	5%
Não respondeu	1	2%
<b>TOTAL</b>	<b>61</b>	<b>100%</b>

O sistema sensorial de pensar entre, o quente e o gelado, despertou a imaginação de cada um e o sentimento de querer ou não estar perto e se aproximar da imagem. Na questão 84% dos participantes sentem seu velho como alguém quente, que, portanto, gera conforto e aconchego.

Na questão relacionada se essa *imagem lhe é agradável, desagradável ou indiferente?* percebeu-se que a maioria (58) dos participantes tem uma sensação agradável em relação ao

personagem da sua imaginação (95%), reforçando a imagem positiva de afeto e acolhimento apontada nas questões anteriores, pois apenas 2 responderam indiferença à imagem (3%) e 1 (2%) respondeu ser uma imagem frágil.

Em relação ao questionamento *Você gostaria de se aproximar ou afastar dela?* 95% (58) dos participantes manifestou desejo de se aproximar da imagem da pessoa velha que projetaram em sua mente, 3% (2) se consideraram indiferentes e 2% (1) respondeu não sei.

Tabela 5: Sente por ela repulsa, asco, desinteresse, indiferença, carinho, admiração, dó, vontade de conversar, acha ridículo.

Respostas	F	%
Carinho	25	41%
Admiração	18	29%
Vontade de conversar	13	21%
Dó	3	5%
Amizade	1	2%
Não respondeu	1	2%
<b>TOTAL</b>	<b>61</b>	<b>100%</b>

Na análise em relação ao sentimento que a imagem gera nos participantes, a maioria apontou que possui sentimentos positivos, com total de 57 pessoas, incluindo o carinho (25), admiração (18), vontade de conversar (13) e amizade (1), apenas um participante manifestou piedade com relação a sua imagem relatando que sente dó e um não respondeu à questão. Na última questão os participantes não receberam um direcionamento pré-estabelecido, deixando possibilidade de manifestação em relação ao tema direcionado nas questões anteriores.

Tabela 6: Que mais?

Respostas	F	%
Admiração, orgulho, respeito e inspiração	16	26%
Vontade de conversar, abraçar, tomar chimarrão, estar perto	08	12%
Carinho	07	11%
Amor	05	8%
Saudade	04	7%
Aconchego e segurança	03	5%
Compaixão, empatia e gratidão	03	5%
Bondade, fraternidade	02	3%
Vontade de proteger	02	3%

Essa pessoa é alguém que contribuiu com a sociedade	02	3%
Dó, muita pena	01	2%
Nada	01	2%
Eterno	01	2%
Quero vivenciar essa etapa da vida	01	2%
Paz	01	2%
Não responderam	04	7%
<b>TOTAL</b>	<b>61</b>	<b>100%</b>

O exercício proposto pela escritora Maria Celia de Abreu permitiu um mergulho na imaginação testando o sistema cognitivo, sensorial, sentimentos, valores e emoções dos participantes. Acredita-se que o desafio permite romper barreiras de preconceito e acolher o diferente, o semelhante ou até mesmo ao próprio indivíduo enquanto velho ou velha. O mundo da vida precisa romper as barreiras de preconceito quanto à idade ou imagem corporal dos indivíduos.

A convivência intergeracional é uma alternativa para agregar conhecimento e vivência entre pessoas diferentes, entendendo que cada um com sua unidade tem algo para contribuir e colaborar na vida do outro.

Abreu (2017) propõe o exercício de imaginação como alternativa para ampliar o olhar para as questões relacionadas ao envelhecimento e revela que os indivíduos podem reconhecer a importância social dos velhos, mas na prática ter ações distorcidas sobre a questão. Ela entende que o método de tomada de decisões vai além dos conhecimentos cognitivos sendo permeadas por valores, sentimentos e emoções que os indivíduos possuem e que nem sempre ocorrem de forma equilibrada e harmônica.

## 8. Conclusão

A emancipação humana independe de determinismo transcendental ou técnico-instrumental e somente pode realizar-se quando vinculada à formação da vontade democrática, mediada pela esfera pública e processos de libertação de todos os indivíduos envolvidos. A crítica deve lançar-se contra a ideologia reducionista da racionalidade humana através da destruição da ilusão objetivista, mostrando que todo o nosso conhecimento segue fadado a um horizonte prévio de compreensão e de interpretação intersubjetivo no seio da linguagem comum

presente no mundo da vida e que, além do interesse técnico, a humanidade age motivada por interesses práticos e emancipadores.

O pensar e projetar o envelhecimento no mundo da vida e sistêmico torna-se fundamental para alicerçar o processo de inclusão e valorização social da pessoa idosa na sociedade atual. Entre os sessenta e um participantes que responderam ao questionário, a maioria aponta manifestações de sentimentos e percepções positivas de afeto e carinho ao imaginar o sujeito velho, atrelando ao personagem projetado atividades de descanso e passividade, reconhecendo sujeitos afastados do mundo do trabalho, ou seja, do mundo sistêmico das instituições. A partir dos resultados obtidos foi possível identificar que os participantes mantêm respeito e acolhimento quando projeta na sua imaginação o envelhecimento, atrelando as atividades, vestimentas, cheiro e cores a uma fase tranquila da vida.

Olhar para o envelhecimento social como um processo de inclusão emancipatória do sujeito permite ampliação da linguagem e conhecimento a cerca dessa fase da vida humana de preservação da cultura que merece respeito e acolhimento da sociedade. A intergeracionalidade avança como uma alternativa para integração e o conhecimento sobre a pessoa idosa e as questões relativas aos seus anseios e necessidades individuais entendendo que a sociedade deve abrir portas para as pessoas idosas em todas as esferas do mundo da vida e sistêmico. Os estímulos a essas práticas podem ocorrer através de fomento a programas direcionados de educação, voluntariado, inclusão tecnológica e de políticas públicas específicas para promoção da convivência intergeracional.

### Referências

ABREU, Maria Celia de. *Velhice: uma nova paisagem*. São Paulo: Ágora, 2017.

BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERGER, Mirela. *Corpo e identidade feminina*. 2006. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. 312 p.

BETTINE, Marco. *A Teoria do Agir Comunicativo de Jürgen Habermas: bases conceituais*. São Paulo: Edições EACH, 2021.

BOUFLEUER, José Pedro. *Pedagogia da ação comunicativa: uma leitura de Habermas*. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2001.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: FAPESP, 2004.

DIEHL, Astor Antônio; TATIM, Denise Carvalho. *Pesquisa em ciências sociais aplicadas*. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FONTE, Isolda Belo. Diretrizes internacionais para o envelhecimento e suas consequências no conceito de velhice. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12., 2002, Ouro Preto. Anais [...]. Ouro Preto, MG: ABEP, 2002.

GIL, Antônio Carlos. *Metodologia do ensino superior*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GOLDEMBERG, Mirian. *A invenção de uma bela velhice*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.

HABERMAS, Jürgen. *Direito e democracia: entre facticidade e validade*. v. 1. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo: sobre a crítica da razão funcionalista*. Tradução: Flavio Breno Siebeneichler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza et al. *Estudo situacional dos idosos dependentes que residem com suas famílias visando subsidiar uma política de atenção e de apoio aos cuidadores*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2019.

MÜHL, Eldon Henrique. *Habermas e a educação: ação pedagógica como agir comunicativo*. Passo Fundo: UPF, 2003.

## **El Proceso de Envejecimiento Y Sus Percepciones en El Mundo de La Vida**

### **Resumen**

A partir de la Revolución Industrial, la humanidad inició un proceso de desarrollo tecnológico con enfoque en el crecimiento económico, generando ganancias proporcionales al aumento de las desigualdades. En este contexto, las personas mayores, inmersas en la lógica del desarrollo, experimentan la ampliación de su esperanza de vida, al mismo tiempo que enfrentan desafíos de inclusión y valoración, que emergen como cuestiones sociales urgentes. Este estudio busca analizar la percepción de valores, sentimientos y emociones asociados a la imagen del envejecimiento, a partir de la distinción entre el mundo sistémico y el mundo de la vida, según la Teoría de la Acción Comunicativa de Jürgen Habermas. Para ello se realizó una encuesta online, a partir de un ejercicio de reflexión propuesto por la escritora y psicóloga María Celia de Abreu en su libro *Velhice: uma nova paisaje* (2017). La investigación contó con la participación de 61 personas aleatorias y anónimas, quienes participaron respondiendo un cuestionario online en las redes sociales. Los resultados indicaron que los entrevistados revelan que mantienen respeto y aceptación cuando proyectan el envejecimiento en su imaginación, vinculando

actividades, vestimenta, olores y colores a una fase pacífica de la vida que refiere al anciano vinculado exclusivamente al mundo de la vida.

Palabras clave: Envejecimiento; Mundo de la vida; Teoría de la Actuación Comunicativa.

## **The Aging Process and Its Perceptions in the Lifeworld**

### **Abstract**

From the Industrial Revolution onwards, humanity began a process of technological development with a focus on economic growth, generating profits proportional to the increase in inequalities. In this context, elderly people, immersed in developmental logic, experience the extension of their life expectancy, at the same time as they face challenges of inclusion and appreciation, which emerge as urgent social issues. This study seeks to analyze the perception of values, feelings and emotions associated with the image of aging, based on the distinction between the systemic world and the world of life, according to Jürgen Habermas' Theory of Communicative Action. To this end, an online survey was carried out, based on a reflection exercise proposed by writer and psychologist Maria Celia de Abreu in her book *Velhice: uma nova landscape* (2017). The research involved the participation of 61 random and anonymous people, who participated by answering an online questionnaire on social networks. The results indicated that the interviewees reveal that they maintain respect and acceptance when they project aging in their imagination, linking activities, clothing, smell and colors to a peaceful phase of life that refers to the elderly person linked exclusively to the world of life.

Keywords: Aging; Life world; Theory of Communicative Acting.